

Louçã, António et al. (2017). *A Revolução Russa: 100 Anos Depois*. (1ª edição). Lisboa: Parsifal.

A Revolução Russa – 100 Anos Depois concretiza-se na compilação de oito capítulos da autoria de igual número de investigadores altamente reputados no meio académico e familiarizados com o processo histórico que resultou na Revolução de Outubro. A familiaridade precede, em muitos casos, a atividade profissional. Nesse sentido, deve ser referido que as posições políticas públicas dos autores não colocam em causa a objetividade e a seriedade dos textos. A compreensão da história, particularmente o processo revolucionário russo, como produto de contextos políticos, económicos e sociais, e não, como afirma Fernando Rosas, como “anomalia conspiratória” ou “golpe [...] perverso” (p. 67), beneficia a objetividade científica e demarca-se definitivamente de concepções moralistas.

O primeiro capítulo, da autoria de António Louçã, dá conta da luta de Lenine contra a burocracia no seio do partido bolchevique e do Estado soviético. O texto oferece igualmente uma visão global dos encontros e desencontros políticos de Lenine e Trotsky, quer ao longo do período aberto com a queda do czarismo, quer após a tomada do poder por parte dos bolcheviques, e a forma como os dois principais dirigentes da Revolução se colocavam perante o fortalecimento do Estado soviético e da burocracia.

O capítulo da autoria de Fernando Rosas é talvez o mais pragmático e pauta-se pela narrativa da história da Revolução Russa, as suas causas e as suas consequências: da I Guerra Mundial à Revolução de Fevereiro; da emergência do duplo poder à Revolução de Outubro. Nesse quadro, Rosas compreende o processo revolucionário russo como um “fenómeno histórico emergente dos conflitos e contradições da época”, ou seja, como a “culminância – o que não significa o termo – de uma cadeia de revoluções emancipatórias de inspiração socialista [...], acompanhando o processo da Segunda Revolução Industrial e da explosão e concentração fabril do proletariado industrial [...]” (p. 67).

Constantino Piçarra, que tem vindo a estudar a questão agrária na Revolução dos Cravos, procura enquadrar o mesmo assunto no contexto da Revolução de 1917. O autor procura ligar as reivindicações económicas dos diferentes setores camponeses com a linha política de Lenine e do Partido Bolchevique. Nesse sentido, Piçarra salienta a contradição entre a política da “aliança operária-camponesa” de Lenine e a suposta “transição” da pequena produção “para a exploração coletiva da terra” (p.53), que seria colocada em

causa com a Guerra Civil e o conseqüente *comunismo de guerra*. Perante o boicote económico de grande parte do campesinato, o historiador português evidencia o reconhecimento do erro por parte da direção bolchevique. Assim, não procurando hostilizar parte significativa do campesinato e procurando, pelo contrário, a integração daquele nas “células” do partido e em “comités de camponeses pobres” (p. 54), Lenine promove um recuo económico que dá pelo nome de *Nova Política Económica*. Para Piçarra, esta linha política tinha como propósito colocar a maioria do campesinato no papel de ator na transformação socialista da sociedade.

O artigo de Francisco Louçã é provavelmente o mais hermético. De fundo e económico-filosófico, o texto debate os conceitos de alienação, valor, trabalho, mercadoria e classe a partir do contributo de autores como Adam Smith, Karl Marx, Ludwig Feuerbach, Vladimir Lenine e do próprio Francisco Louçã. Nas últimas linhas, o economista português reflete sobre a condição política e económica da pequena burguesia no capitalismo contemporâneo, relacionando-a com a expansão do chamado setor terciário.

Por seu turno, o artigo de Rui Bebiano promove a “observação de possibilidades que acabaram por não se impor” (p. 151) após a tomada revolucionária do Poder. Nesse sentido, são apresentados quatro personalidades que de alguma forma prometiam ou lutaram para que a União Soviética não tivesse como destino a ditadura burocrática dirigida por Estaline. A partir da proposta do historiador britânico David Renton, Bebiano debruça-se sobre o percurso do poeta Maiakovski, da dirigente bolchevique Kollontai, do dramaturgo Lunatcharski e do opositor de esquerda Serge. Para além de apresentar os trajetos destes quatro dirigentes, o autor aborda a Revolução Húngara, a Primavera de Praga e o Maio de 68 enquanto processos que colocaram em causa a matriz autoritária do *socialismo realmente existente*.

José Manuel Lopes Cordeiro oferece um artigo sobre o modo como o processo revolucionário russo foi recebido em Portugal por diversos setores da população portuguesa. Se num primeiro momento (Revolução de Fevereiro) republicanos e setores à sua esquerda olharam com simpatia a queda do czarismo, num segundo momento (Revolução de Outubro), o debate instala-se. Lopes Cordeiro descreve a forma como as notícias chegavam à população portuguesa (à minoria alfabetizada, diga-se). Para o historiador, estas promoviam a ideia de uma sociedade “caótica” e de “terror” liderada pelo bolchevismo. Lenine, por sua vez, era associado, por um lado, à homossexualidade

– devido “à pera sedosa, cuidada que lhe dá um ar de mosqueteiro ou... de cabeleireiro parisiense” (p. 116) – e, por outro, ao militarismo alemão. Não obstante, o anarquismo português olharia de forma “simpática” – apesar de “crítica” – a Revolução. Entre os autores referenciados pel’ *A Sementeira* está o comunista e dissidente francês Boris Souvarine. Apesar da postura crítica do jornal perante a Revolução de Outubro, Lopes Cordeiro salienta a forma como este setor anarquista defendia o processo revolucionário russo dos ataques da imprensa “mercantilista” (p. 120).

Focado na questão feminina, Thaiz Senna assina um capítulo que, mais do que salientar os avanços legais conseguidos pelas mulheres no quadro da Revolução Russa, procura analisar o papel do Departamento de Mulheres Trabalhadoras e Camponesas do Partido Comunista na organização das mulheres trabalhadoras. Senna evidencia a forma como uma parte considerável do partido e da sua camada dirigente ora olhava a questão feminina como tática, ora a relevava para segundo plano. De acordo com a autora, “muitos comités provinciais do partido” (p. 189) haveriam mesmo de boicotar a ação daquele departamento e extingui-lo. Após a morte de Lenine e o avanço das tendências conservadoras na direção do partido, aquele departamento acabaria mesmo por se tornar um apêndice do partido, cada vez mais burocratizado com Estaline, para depois extinguir-se sob a ideia de que a igualdade entre género havia sido alcançada.

Miguel Pérez Suaréz, em *Os soviets: a forma política da democracia operária*, versa sobre o “poder de tipo novo” consituído pelos soviets e a “superação da democracia burguesa” que estes representaram. O historiador oferece alguma luz à forma algo cética como Lenine olhou, num primeiro momento, aquela nova forma de organização política – ao contrário de Trotsky que “consegue focar as potencialidades dessa nova forma organizativa” e a sua perspetiva emancipadora – e, num segundo, em *O Estado e Revolução*, o modo como o principal dirigente bolchevique defendia “os princípios da eleição direta, do controlo permanente e a livre revogabilidade” (pp. 129-130) presentes nos soviets.

Não obstante, a nova forma de democracia, de acordo com Pérez Suaréz, iria “sucumbir” aos “demónios” da guerra civil, da “penúria material” e do “atraso social e cultural” (p. 139). A afirmação do estalinismo seria indissociável destes e as suas consequências não teriam âmbito apenas nacional.

Contrariando a maior parte das publicações relativas ao centenário da Revolução Russa – altamente marcadas quer pelo estalinismo, quer pelo anticomunismo – este livro

João Moreira – Recensão do livro Louçã, António et al. (2017). A Revolução Russa: 100 Anos Depois. (1ª edição). Lisboa: Parsifal – História. Revista da FLUP. IV Série. Vol. 8. 2017. 243-246 DOI: 10.21747/0871164X/hist7_2rec2

oferece narrativas equilibradas e bastante pormenorizadas sobre acontecimentos, processos sociais, grupos, classes e personalidades em destaque durante a revolução que culminou na tomada do Poder pelos bolcheviques e no período pós-Outubro.

João Moreira
Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra